

INCLUSÃO: A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO DO CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA DE TABATINGA-AM.

Klinger Muller Tavares¹

Rachel Elizia de Souza²

Adriana Aparecida das Neves de Queiroz³

RESUMO: Este artigo aborda a importância do envolvimento da família no ambiente escolar dos alunos surdos do Centro Integrado de Educação Especial Inclusiva do município de Tabatinga – AM. Nele investiga-se, no processo de educação destes alunos, a necessidade e o quanto o acompanhamento de seus familiares influencia no desenvolvimento das atividades escolares da criança especial, mesmo eles tendo professores especializados e um reforço escolar envolvido. Trata-se também sobre a inclusão e a dificuldade de desenvolvê-la devido à falta de interesse dos pais e/ou responsáveis por alunos com necessidades especiais, especificamente os alunos com necessidades especiais auditivas. Foram selecionadas duas mães de dois dos alunos com deficiência auditiva que participam das aulas no centro, e duas professoras que dão aulas para estes e outros alunos no centro integrado e educação especial e inclusiva, em que estas responderam a um questionário durante uma entrevista informal. Assim, entenderemos o “porque” de os pais e/ou responsáveis dessas crianças não buscarem o melhor para o seu filho, os centros de educação especial e até mesmo os educadores, por mais equipados e especializados que sejam, necessitam da ajuda destes, pois, sem um apoio quando o aluno sai da escola para sua residência, não haverá resultados para a educação.

Palavras Chaves: Família. Alunos. Inclusão.

RESUMEN: Este artículo aborda la importancia de la participación familiar en el ámbito escolar de los estudiantes sordos del Centro Integrado de Educación Especial Inclusiva del municipio de Tabatinga - AM. Además, se investigó en el proceso educativo de estos estudiantes la necesidad y cuánto influye el seguimiento de sus familias en el desarrollo de las actividades escolares del niño especial, a pesar de que cuentan con profesores especializados y tutorías involucradas. También se trata de la inclusión y la dificultad de desarrollarla debido a la falta de interés de los padres y / o tutores por los estudiantes con necesidades especiales, específicamente los estudiantes con necesidades especiales de audición. Así, entenderemos el "por qué" de los padres y / o tutores de estos niños que no buscan lo mejor para su hijo, los centros de educación especial e incluso los educadores, por más escasos y especializados que sean, necesitan su ayuda, ya que, sin un apoyo cuando el estudiante deja la escuela para su residencia, no habrá resultados para la educación.

Palabras clave: Familia. Alumnos. Inclusión.

¹ Klinger Muller Tavares - Acadêmico do Curso de Letras – Língua Portuguesa e suas literaturas, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga - CESTB da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

² Rachel Elizia da Silva Souza - Acadêmico do Curso de Letras – Língua Portuguesa e suas literaturas, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga - CESTB da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

³ Adriana Aparecida das Neves de Queiroz - Docente do Curso de Letras no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga – CESTB, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Mestre em Letras- Sociolinguística- Linguagem, Língua e Literatura pela Universidade do Estado do Mato Grosso do Sul- UEMS. E-mail: anagroz_13@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se da grande importância do processo inclusivo no desenvolvimento social dos alunos em geral, mas principalmente dos estudantes com necessidades especiais, sendo esta inclusão de fundamental importância para o seu crescimento e aprendizado, justamente por ocorrer uma troca de conhecimentos entre os mesmos, que favorece ambas as partes, sem contar que ajuda na melhoria da autoestima desses alunos especiais, passando uma dose de afetividade para toda a comunidade escolar, tornando-a mais humana com menos preconceito respeitando a realidade de cada indivíduo com necessidades especiais.

No processo de educação dos alunos surdos do Centro Integrado de Educação Especial Inclusiva do município de Tabatinga – AM observou-se a necessidade e a importância que o acompanhamento de seus familiares tem para o desenvolvimento das atividades escolares da criança especial, mesmo eles tendo professores especializados e um reforço escolar envolvido.

Além disso, nota-se certa dificuldade de se fazer acontecer a inclusão das crianças e jovens devido a falta de interesse de pais e/ou responsáveis, especificamente os alunos com deficiência auditiva. Nesse contexto, questiona-se, “porque os pais e/ou responsáveis dessas crianças não buscam o melhor para seus filhos quando se trata de educação, mesmo a criança precisando de uma atenção especial? ”

Os centros de educação especial e os educadores, por mais equipados e especializados que sejam necessitam da ajuda dos pais, pois, sem um apoio quando o aluno sai da escola não haverá resultados para a educação. Para que a inclusão ocorra é necessário que seja instalado entre as duas partes (escola e pais) uma via de mão dupla, ambos agindo para o melhor aproveitamento escolar da criança com necessidades especiais.

Diante dessas duas partes de desenvolvimento (pais e escola) em que se encontra o processo inclusivo, é preciso mencionar a preocupação de inclusão na proposta curricular, ainda que a mesma esteja passando por um processo de adaptação de acordo com as instituições que acolhe esses clientes. Em toda unidade escolar acontecem essas adaptações que tem por finalidade básica promover o aprendizado intelectual e social de pessoas com necessidades educativas especiais, tornando-a pessoas capazes para

desempenhar seu papel de cidadão especial na sociedade diante dos olhos e do apoio de seus familiares, para que possam caminhar junto com a escola estimulando, influenciando e obtendo sucesso junto aos professores e com os protagonistas desse processo inclusivo os alunos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Há tempos que a educação especial vem ganhando força e sendo cada vez mais inserida no meio escolar. As dificuldades de inclusão ainda são comuns, principalmente quando falamos de alunos com problemas de audição. Apesar de eles não terem nenhuma dificuldade motora, torna-se um desafio para seus tutores comunicarem-se, devido à falta de especialização e, além disso, ensinar aos colegas de turma desse aluno a interagirem com ele. A família na maioria das vezes não está presente, com isso o professor tem que lidar com essas situações sozinho, tentando buscar por ele mesmo uma didática que os envolvam em sala de aula.

O professor também tem que dar suporte aos pais quanto à deficiência de seu filho, em centros de educação especial públicos, os pais, em muitas das vezes não tem condições de pagar um profissional para lhe explicar sobre a deficiência de seu filho, como citado acima, os pais tem medo das dificuldades que podem ter que passar e até seu próprio filho, quando incluído de maneira errada no meio escolar, como, por exemplo, a criança pode não conseguir se adaptar, justamente pela sua condição, enquanto aluno surdo e pela falta de capacitação adequada de seus profissionais.

Os laços afetivos estabelecidos nesses dois espaços (pais e escola), quando consolidados ampliam a forma de lidar com a vida das pessoas, refletindo em todas as relações sociais. É importante que se consolide uma rede de relações e apoio entre esses contextos, para que os sujeitos inseridos em ambos possam transitar entre eles e apoiar-se para a construção de repertórios com os desafios singulares da vida. (DESSEN; POLONIA, 2007).

Quando se forma uma família ela traz consigo várias expectativas do que esperar no futuro, quando nascem os filhos os pais criam um ambiente favorável e adequado à sobrevivência física e psicológica do mesmo, protegendo seus filhos que dependem deles. Porém, em alguns casos acontece que com o passar do tempo a família começa a perceber que seus filhos não estão tendo o mesmo desenvolvimento que outras crianças da mesma faixa etária, a ansiedade começa a se apoderar, e quando determinado diagnóstico se confirma surgem

medos, frustrações e dúvidas, mas ainda assim o instinto de amor e proteção falam mais alto.

Oliveira (2005) cita em seu artigo que para Carvalho (2002) é através da família que a criança começa sua interação com o mundo, representa a primeira fonte de encaminhamento, é o ambiente onde as crianças encontram elementos essenciais para sua formação e assimilará padrões de conduta e de moral que irão determinar suas atitudes de adulto. A família da criança com necessidades especiais pode e deve cumprir um papel importante no sentido de negar ou minimizar a deficiência, como também no sentido oposto, ou seja, determinando o valor máximo a mesma. (Oliveira, 2005, pág. 36).

Assim, Farias e Silva (2017) esclarece ainda que:

Essa interação quando se diz respeito à família de pessoas deficientes, atravessa outras particularidades, essa família passa por inúmeros sentimentos, como medo, lamentação, auto piedade, decepção e culpa, por não ter o filho “esperado”, além do medo do futuro, do receio de conseguir uma escola adequada, dentre outras dificuldades. A sociedade tende a pensar que pais de filhos com deficiência apresentam maior potencial para lidar com a situação, porém todos estão em processo de aprendizagem. (Farias e Silva, 2017, pág. 598).

Na educação de uma criança, a sociedade tende a pensar que é obrigação da família, não só apenas da mãe no auxílio de uma criança que tenha deficiência, no qual sempre procura atender as necessidades do filho. Grande parte da inclusão da família e da criança com necessidades especiais depende do seu crescimento pessoal e contínuo e da segurança que ela recebe, através do relacionamento entre pais e filhos. No entanto, a situação de uma relação conjugal tem uma ligação direta com a adaptação da família com a deficiência. Situações essas de um péssimo relacionamento entre seus pais, refletem nas atitudes que essa criança venha a ter em sala de aula, além de resultar em um mal relacionamento entre a criança e os demais membros da família.

Oliveira (2005) cita em seu artigo “Importância da Família no Processo de Educação Inclusiva” que para Werneck (1997), cabe aos pais desses indivíduos, conquistar o apoio de todos os familiares e da comunidade escolar para uma conscientização de que é preciso estar ciente e advertido sobre o direito de reivindicar o lugar certo para seus filhos nas escolas dos bairros que residem e na comunidade em que estão inseridos. (Oliveira, 2005, pág. 37)

No Brasil, surge a língua de sinais em âmbito nacional, denominada Língua Brasileira de Sinais (Libras), que é reconhecida pela Lei Federal nº10.436, de 24 de abril de 2002. Essa lei legitima que o poder público deve difundir e apoiar seu uso em todos os serviços públicos, com o objetivo de superar as barreiras linguístico-discursivas que os sujeitos surdos enfrentam. (SHEMBERG; GUARINELLO; MASSI, 2012). No Brasil e em vários outros países, a lei para as pessoas com necessidades especiais é muito devagar. Por que esse processo rumo à inclusão de pessoas com necessidades educativas especiais é muito lento?

Em se tratando de Educação Inclusiva, a escola inclusiva deve atender às necessidades de “todos” e quaisquer alunos, nessa escola, as atitudes enfatizam uma postura não só dos educadores, mas de todo o sistema educacional. Uma instituição educacional com orientação inclusiva é aquela que se preocupa com a modificação da estrutura, do funcionamento e da resposta educativa que se deve dar a todas as diferenças individuais, inclusive às associadas a alguma deficiência em qualquer instituição de ensino, e em todos os níveis de ensino. (OLIVEIRA, 2012, pág. 95)

Sabe-se que ainda são visíveis a resistência e a discriminação no ambiente da comunidade escolar, até mesmo por parte de alguns pais e também da própria sociedade. O preconceito e a discriminação fazem com que a sociedade e os próprios pais vejam a deficiência não como uma característica pessoal vago, mas como uma característica negativa, esse preconceito tem um peso muito grande no ambiente escolar, muitas das vezes impede que as pessoas com deficiência sejam bem recebidas nas escolas, o que contribui para a negação da cidadania, no meio social.

Os pais precisam entender que as necessidades especiais que seus filhos possuem não é isso que vai impedir eles de lutarem por seus direitos como cidadãos buscando seu espaço na sociedade, não tem que ter medo de enfrentar os desafios que os cercam e sim pensar positivos e auxiliando seus filhos para um desempenho e desenvolvimento melhor na escola e na sociedade.

Para Frias (2010), a inclusão dos alunos surdos na escola regular deve contemplar mudanças no sistema educacional e uma adaptação no currículo, com alterações nas formas de ensino, metodologias adequadas e avaliações que condiz com as necessidades do aluno surdo; requer também a elaboração de trabalhos que promovam à interação em grupos em sala de aula e espaço

físico adequado a circulação de todos. A inclusão deve ocorrer, ainda que existam desafios, com garantias de oportunidades ao aluno surdo igual à do aluno ouvinte. A presença do aluno surdo em sala exige que o professor reconheça a necessidade de elaboração de novas estratégias e métodos de ensino que sejam adequados à forma de aprendizagem, pois o aluno surdo está na escola, então cabe aos professores criar condições para que este espaço promova transformações e avanços a fim de dar continuidade a um dos objetivos da escola, ser um espaço que promove a inclusão escolar. (Frias, 2010, pág. 3).

Do ponto de vista de Oliveira (2012), uma das principais implicações que atrapalham o desenvolvimento e o bom funcionamento das escolas inclusivas é a quantidade de alunos por sala, pois seriam necessárias turmas com menos alunos em sala, de forma a facilitar o ensino por parte dos professores, com o apoio do intérprete de LIBRAS. Oliveira observou também em sua pesquisa que há professores cuja formação deixa a desejar, além da falta de materiais didáticos adaptados na língua de sinais. Desta forma, mesmo se falando tanto em “Inclusão”, podemos ver que os próprios sistemas políticos, os quais organizam o ensino, não contribuem para efetivar realmente a inclusão desses alunos. (OLIVEIRA, 2012, pág. 96)

Essa situação das dificuldades e do bom funcionamento das escolas inclusivas citado por Oliveira (2005), também ocorre no Município de Tabatinga, local onde esta pesquisa foi desenvolvida, tem apenas algumas escolas que fazem essa inclusão dos alunos com deficiência. E nestas escolas, para incluir o aluno em sala de aula, é necessário que, em uma turma de 40 alunos, ele ocupe duas dessas 40 vagas, pois este aluno devido às suas dificuldades precisa de uma atenção a mais do professor, ocupando assim duas vagas de um aluno sem deficiência. No entanto, mesmo diminuindo o número de alunos por sala, ainda é difícil o trabalho do professor, pois a maioria das escolas que recebem esses alunos em suas salas de aula não possui um intérprete, quando se tratam de alunos surdos, possuem apenas um cuidador. É interessante essa observação, pois devido à falta de escolas inclusivas no município faz da inclusão um trabalho ainda mais árduo.

O papel da família e da escola quando nos referimos ao processo educativo dos alunos com necessidades especiais são de suma importância para

educação e deve garantir que a aprendizagem dos alunos especiais aconteça de forma ética, democrática e cidadã. Portanto, cabe aos profissionais da educação, ou seja, aos professores darem o primeiro passo para que a parceria entre a escola e a família possa acontecer de forma efetiva.

A escola comum é um ambiente mais adequado para garantir o relacionamento entre os alunos com ou sem deficiência e de mesma idade cronológica, bem como a quebra de qualquer ação discriminatória e todo tipo de interação que passa a beneficiar o desenvolvimento, social, motor e efetivo dos alunos em geral. (Mantoan 1999. Pág. 27).

Todos os alunos têm direito a uma educação de qualidade, mas isso ainda não é possível pelo fato de muitas escolas ainda não cumprirem o seu devido papel quanto à inclusão escolar, portanto os sistemas educacionais têm de mudar para poder responder a essas necessidades não basta só garantir o acesso, é necessário realizar mudanças na organização das escolas para que as mesmas sejam capazes de incluir os alunos com necessidades especiais garantindo além do acesso, a permanência e aprendizagem dos educandos, como ocorre no município de Tabatinga, em que há a falta de atenção das autoridades educacionais para com esses alunos com deficiência.

Skliar (1999) cita em seu artigo que para GÓES E SOUZA (1999) a ideia de escola para todos começa a ser concretizada com a abertura de suas portas para receber os excluídos, mantendo-se, porém, em essência, as mesmas precárias condições oferecidas aos que já estavam supostamente incluídos. De fato, mesmo estes últimos não veem atendidas suas necessidades educativas mais elementares, problema esse que tem sido já exaustivamente apontado na discussão de nossa realidade educacional. (SKLIAR, 1999, Pág. 163)

Partindo do ponto de vista de Mantoan (1999), os alunos que precisam ser inseridos no ambiente escolar não importando se tem deficiência ou não, todos têm direito a inclusão e a uma educação de qualidade.

A inclusão questiona não somente as políticas e a organização de educação especial, mas também o próprio conceito de integração. Ela é incompatível com a integração, já que prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem inserção, devem frequentar as salas de aula do ensino regular. (Mantoan, 1999, Pág.19)

Para Oliveira (2012) a inclusão de alunos surdos é uma inovação que exige da escola novos posicionamentos, implicando na necessidade de aperfeiçoamento dos professores, pedagogos e funcionários, através de cursos na área da surdez, cursos estes que devem ser oferecidos pelo governo através do MEC, para que os mesmos possam atender aos alunos surdos de modo a propiciar-lhes possibilidades de conseguir progressos significativos em sua aprendizagem. (Oliveira, 2012, pág.100)

No interior do Estado do Amazonas, Tabatinga, que faz fronteira com Peru e Colômbia onde foi desenvolvida esta pesquisa é visível a falta professores capacitados em língua brasileira de sinais, não tem apoio das autoridades, o município não disponibiliza cursos que capacitem esses professores. Nesse contexto, Oliveira (2005) esclarece que:

Ao pesquisar para conhecer melhor a história da inclusão, chega-se a conclusão de que ela é uma ida sem volta, de que todos os envolvidos torcem para que a mesma aconteça com sucesso, mas como já se falou, com prudência e responsabilidade. É preciso que todos se envolvam com as causas querendo que se implante a inclusão escolar, em especial, profissionais da área de educação, tendo consciência da sua parcela de contribuição, do seu papel na sociedade, procurando torna-la mais humana, proporcionando as pessoas com necessidades especiais oportunidades educativas, disponíveis e iguais para todos, sendo utilizadas em condições pedagógicas diversificadas e adequadas as suas especificidades. (Oliveira, 2005, pág. 16).

Quando uma pessoa nasce com deficiência auditiva, não é essa deficiência que vai definir o futuro dela, mas sim como a sociedade enxerga a surdez, que é um olhar de indiferença ou até mesmo de exclusão, isso tem que mudar, precisa ser respeitado e aceito.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi elaborada no Centro Integrado de Educação Especial e Inclusiva (CIEE) Professora Esmeralda Aparício Negreiros, situada no Bairro Ibirapuera na Rua Duarte Coelho no Município de Tabatinga-Am. Atualmente a escola atende 111 alunos com necessidades especiais educacionais nos turnos matutino e vespertino, com faixa etária de 01 ano e oito meses a 38 anos de idade, deste número, 42 alunos possuem deficiência auditiva.

Seu quadro de funcionários atualmente conta com 14 professores 1 gestora 1 apoio pedagógico e 11 funcionários administrativos, apenas 02

professoras possuem especialização em Libras, a língua de sinais dos surdos. A escola atende alunos de todos os bairros e possui uma clientela com idades variadas, está localizada em um prédio alugado.

Foram aplicados os métodos de abordagem para obtenção dos resultados para este artigo. Maria Cristina de Assis em sua apostila sobre os métodos de abordagem diz que esses métodos são os que proporcionam as bases lógicas da investigação científica. (ASSIS, pág.9) (...) temos segundo Gil (2006) cinco tipos de métodos que estão associados a uma das correntes filosóficas que se propõem a explicar como se processa o conhecimento da realidade. (ASSIS, pág.27)

Para esta pesquisa resolvemos utilizar o método indutivo, para chegar aos resultados desejados elaboramos questões em que as entrevistadas fossem induzidas a responder o que queríamos ouvir. As dificuldades que elas enfrentam tanto as mães em casa com seus filhos com deficiência auditiva, quanto as professoras em sala de aula. A situação de cada família e o porquê daquelas dificuldades enfrentadas, etc.

Para que ocorra indução é necessário que as observações sejam muitas e repetidas sob ampla variedade de situações. Além disso, nenhuma proposição de observação deve conflitar com a lei universal derivada. (ASSIS, pág. 10).

Oliveira (2012) diz que uma das principais implicações que atrapalham o desenvolvimento e o bom funcionamento das escolas inclusivas é a quantidade de alunos por sala, pois seriam necessárias turmas com menos alunos em sala, de forma a facilitar o ensino por parte dos professores, com o apoio do intérprete de LIBRAS. Também observamos que há professores cuja formação deixa a desejar, além da falta de materiais didáticos adaptados na língua de sinais. Desta forma, mesmo se falando tanto em “Inclusão”, podemos ver que os próprios sistemas políticos, os quais organizam o ensino, não contribuem para efetivar realmente a inclusão desses alunos. (OLIVEIRA, 2012, Pág. 96)

Na imagem a seguir podemos observar Professores e Alunos do Centro Integrado de Educação Especial e Inclusiva praticando a linguagem de sinais.



Figura 1 Professoras e alunos do Centro Educacional
Fonte: Tavares e Souza.

Nesta outra imagem temos os alunos em sala de aula no Centro Integrado de Educação Especial e Inclusiva, a professora aplicando atividades lúdicas como: recorte de figuras e elaboração de painel para eles saberem sobre as datas comemorativas.



Figura 2 Atividade de escrita usando a tecnologia.
Fonte: Tavares e Souza.

Para a realização da coleta de informações entrevistamos professores formados em pedagogia com especialização em libras, e pais de alunos surdos do Centro Integrado de Educação Inclusiva do município de Tabatinga, através

de questionário com perguntas diretas e entrevistas, sobre o apoio da família em relação às atividades feitas em sala de aula, a didática, método de ensino utilizado em suas aulas, nesse sentido, é importante a utilização da entrevista por conceber ricas contribuições à pesquisa.

Na imagem abaixo área de lazer e refeitório do Centro Integrado de Educação Especial e Inclusiva é onde os alunos podem ter um momento de lazer e interação com outras crianças que tem deficiências diferentes das deles.



Figura 3: Socialização na hora do intervalo
Fonte: Tavares e Souza

A entrevista é o procedimento mais utilizado no trabalho e campo. Por meio dela, o pesquisador busca extrair informes contidos na vivência dos atores. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se busca ser um instrumento de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeito-objeto da pesquisa que estão inseridos no cotidiano uma determinada realidade que está sendo focalizada. (PÁDUA, 1997, p.64)

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados alcançados nesta pesquisa deram-se devido a uma entrevista com duas professoras intérpretes do Centro Integrado de Educação Inclusiva do município de Tabatinga e duas mães cujos filhos participam das aulas no centro. Durante a entrevista foram feitas diversas perguntas a essas

professoras e a essas mães, com intuito de entender um pouco mais das dificuldades encontradas por elas, tanto as professoras em sala de aula, quanto às mães em casa com seus filhos.

4.1 Entrevistas com os professores intérpretes da Escola de Educação Especial Regular do município de Tabatinga:

Inicialmente entrevistamos as duas professoras, no qual a perguntamos sobre o saber dos pais sobre as leis que amparam seu filho no ambiente escolar. A resposta foi a seguinte:

Entrevistado “1” e “2”: - *“Toda família que possui uma pessoa com deficiência auditiva tem que saber que a lei ampara o aluno surdo para sala de aula, mas isso não acontece aqui no município de Tabatinga, grande parte da população especial não tem acompanhamento de nenhum intérprete em sala de aula, muitas das famílias desses alunos não sabem que o mesmo tem direito a um intérprete em sala de aula, mesmo que ele não domine totalmente a língua de sinais, mas a partir de um tempo ele pode ir se familiarizando para bom desempenho na escola e no cotidiano”.*

Após esta entrevista, fizemos uma breve pesquisa nas escolas municipais do município de Tabatinga e observamos que somente duas escolas municipais recebem alunos com deficiência auditiva, e da rede estadual apenas uma escola que os recebe. Porém, essas escolas que recebem estes alunos, não tem estrutura para amparar as necessidades dos mesmos.

Segundo relatos dos entrevistados professores intérpretes “1” e “2” em 2016 e em 2017 houve uma melhora com os alunos com deficiência auditiva no município de Tabatinga na escola Jociêdes Andrade, pois era a única escola que aceitava alunos com deficiência. A melhora deve-se pelo empenho e dedicação dos professores “1” e “2”, dedicaram-se à palestras e aulas de libras até conseguirem equilibrar o ensino no município de Tabatinga, segundos eles, não há professores formados na área para atuar.

No relato apresentado acima observamos que o que estes professores relataram realmente ocorre no município, pois ao conversar com alguns professores da rede municipal e estadual observamos que realmente o município não disponibiliza cursos que capacitem estes professores para recepcionar estes

alunos, a não ser que eles mesmos busquem por ele. O surdo não precisa de um acompanhante, eles precisam de pessoas que tenham o conhecimento de libras, para que aí sim tenham essa garantia linguística que é a libras a língua materna dos deficientes auditivos.

De acordo com os entrevistados, não adianta o professor ter o conhecimento apenas da Libras, é necessário ter também conhecimento sobre a cultura do ensino do surdo, não adianta só sinalizar, o professor também tem que saber como o surdo vê o mundo, quais são as estratégias que ele pode usar para melhorar o desenvolvimento na educação do surdo.

Ainda de acordo com os entrevistados intérpretes, não são todas as famílias que acompanham a aluno com deficiência auditiva, no município de Tabatinga no Amazonas raramente encontra-se famílias que acompanham, é muito importante o diálogo da criança com os familiares e principalmente com os pais. Muitos pais acham que a inclusão é responsabilidade da sociedade, da escola e do professor, e simplesmente acabam jogando essas obrigações nas mãos de outras pessoas, mas dentro de casa que é importante essa interação, a compreensão do mundo do seu filho. Os pais precisam se preocupar em compreender o mundo do seu filho, o mundo dos surdos, não tem como comparar uma criança com deficiência, com outra criança que não tem nenhum tipo de deficiência, algumas vezes tem crianças que possuem alguma deficiência e ainda assim superam a criança dita “normal”, ou seja, não tem com comparar, cada um possui ou tem sua capacidade de compreender as coisas.

Além disso, os nossos entrevistados chamados de Intérpretes “1” e “2” contaram uma história de que conhecem o caso de um aluno que a gestora da escola onde ele estuda, luta com ele há seis anos, por que ele vai para escola sozinho e entra na sala de aula e não faz nada, quando não, ele vai andar pelo pátio da escola e não faz nenhuma atividade que a professora pede, e quando a mãe está prestes a perder o benefício que ela recebe aí que ela procura a escola para inserir ele novamente, isso é um verdadeiro descaso da família, as dificuldades que uma família dita “normal” pode ter com o filho na escola, uma família que tem uma criança com deficiência também pode ter.

A realidade nas escolas públicas que recebem os alunos surdos é totalmente diferente da que se imagina, pois, mesmo o aluno tendo apoio dos professores, muitas das vezes nem eles mesmo se esforçam para adquirir mais

conhecimento. É nesse momento em que os pais devem se envolver no aprendizado e na dedicação do filho, porque como relato acima, a mãe só se interessou quando ela perdeu o benefício e é justamente o que não deve acontecer.

4.2 Entrevista com os pais dos alunos surdos da Escola de Educação Especial Regular do município de Tabatinga:

Entrevistado “3”

Ao entrevistar os pais dos alunos com deficiência auditiva foi questionado sobre como ela percebeu que seu filho tinha problemas de audição. Ela respondeu o seguinte: Entrevistado “3”: - *“Quando meu bebe nasceu, percebi que havia algo diferente com meu bebe, quando completou seus dois meses de nascido eu tive certeza que tinha algo de errado com ele, pois quando estava na sua casa amamentando meu filho, os vizinhos estavam soltando fogos de artificios, e automaticamente eu me assustei com todo aquele barulho, mas meu filho não teve nenhuma reação, então eu estranhei, por que geralmente toda criança recém-nascida se assusta com qualquer barulho, foi então que eu decidi leva-la ao hospital, eu relatei ao médico que havia algo de errado com meu filho, mas o médico disse que não tinha nada de errado com ele e que ele estava bem sem nenhum problema e que era coisa da cabeça da minha cabeça, então a mãe inconformada com o que o médico disse, eu desconfiava que meu filho tivesse problemas de audição, resolvi fazer o teste da orelhinha (teste capaz de detectar se a criança tem ou não problemas auditivos) foi quando recebi o resultado do exame e descobri que meu filho era portador de deficiência auditiva”.*

Quando o deficiente “A” começou a querer se comunicar, o entrevistado “3” nos relata que ficaram sem saber o que fazer, por que não sabiam como se comunicar, não tinham conhecimento da deficiência da criança, tanto é que naquela época a surdez era um tabu para muitas pessoas do nosso município, muitos chamavam as pessoas que possuíam alguma necessidade especial de louco, por muitas das vezes o portador de deficiência, grita, joga as coisas, fica revoltado por que ele não consegue se comunicar então para muitas pessoas isso é se dado como loucura.

Segundo relatos da mãe, chamada de entrevistada “3”, quando o deficiente “A” completou seus 4 anos de idade ele começou a frequentar a escola

aqui no município de Tabatinga, e muitas pessoas criticaram do por que matricular uma pessoa que não fala e não escuta, que era impossível aprender alguma coisa. Segundo o entrevistado “3” relatou e disse o seguinte:

Entrevistado “3”- *“Nunca deixamos essas críticas nos abater, tínhamos convicção de que a criança aprenderia sim. Quando ele começou a estudar, tinha uma excelente professora que ajudou bastante no desenvolvimento dele em sala de aula, principalmente a interagir com os colegas nas atividades em línguas de sinais, com o passar do tempo chegou mais um professor que auxiliou não só, os alunos surdos como também nós, os pais. O professor era um colaborador da população, ele viu a nossa necessidade, então ele se prontificou em ajudar, ele disse que para eu ele nos ajudar, eu ele precisaria primeiro nos auxiliar no conhecimento da Libras, o professor fez meses um curso sobre língua de sinais, e foi nesse curso que eu aprendi um pouco sobre a libras, e se comunicar e ajudar meu filho surdo, meu filho aprendeu a ler e a escrever na língua materna dele, a Libras”.*

Ainda segundo relatos da mãe, quando o deficiente “A” passou para o ensino fundamental ele teve que mudar de escola, o entrevistado “3” diz que ficou com medo, se seu filho ia ser aceito pelos colegas, ela sempre ia observar ele na escola, teve um momento que a entrevistada “3” foi na sala de aula e viu seu filho de costas para a professora, brincando sozinho, então ela logo viu que algo de errado estava acontecendo, então foi questionar a professora do por que seu filho estava sozinho de costas, então a professora respondeu que o deficiente “A” não queria se juntar com a turma.

Diálogo relatado pela entrevistada “3” e a professora:

Entrevistado “3”- “mas chame ele que ele vai”.

Professora – “mas como eu vou chamar, se ele não escuta”.

Entrevistado “3”- “mas ele vai ver senhora chamando ele”.

Nesse momento observamos de acordo com o este relato que a própria professora, que deveria saber como incluir o aluno, estava jogando a responsabilidade para a mãe. Vemos então o despreparo do professor em sala de aula quando se trata da inclusão do aluno deficiente no ambiente escolar.

A entrevistada “3” relata ainda o seguinte: - *“Nessa época meu filho não queria fazer atividades, não queria ir para escola, quando vi meu filho nesse*

estado eu passei a frequentar a escola junto com ele, e foi então que eu fui na secretaria de educação, pedir intérprete em sala de aula, eu vi a necessidade de um interprete em sala de aula para auxiliar os alunos portadores de alguma deficiência, precisa de alguém que possa traduzir o que o professor está passando para os alunos”.

Então teve a contratação de uma interprete para auxiliar o deficiente “A”. Tudo que ela passava para ele, ela também passava para o entrevistado “3”, ela contou que faz mais de 5 anos que ela acompanha deficiente “A” em sala de aula e que ele é um ótimo aluno, gosta de fazer suas atividades, interagi com os colegas com os professores e sempre tem o apoio da família junto com a escola.

Entrevistado “4”

Entrevistado “4” diz que, assim que o deficiente “B” nasceu, sua mãe não percebeu a deficiência de seu filho, era mãe de primeira viagem, teve parto Cesário e pelas dificuldades do parto não levou a criança para fazer o teste da orelhinha (teste é possível identificar se a criança tem ou não problemas auditivos).

Quando a criança estava com um ano e meio de idade, foi quando perceberam que ele tinha problemas de audição, parte da família já tinha alertado a mãe sobre o problema de seu filho, mas segunda ela, não queria aceitar ou ouvir se quer, que seu filho tenha tinha algum tipo de problema, até que uma tia foi na sua casa, e decidiu levar a criança ao médico, então foi aí que a mãe descobriu que seu filho era deficiente auditivo.

Completando seus 4 aninhos de idade, o deficiente “B” começou a frequentar a escola pública e o Centro de educação Especial de Tabatinga-AM, estava se desenvolvendo bem nas suas atividades escolar até que nos seus 10 anos de idade começou a se revoltar, por ver muitas brigas de seus pais em casa, sua mãe teve mais filhos e quase não tinha tempo para ele, então ele começou a frequentar a escola sozinho sem o acompanhamento de nenhum responsável de sua família, quando tinha reunião na escola seus pais nunca participavam, os mesmo afirmam que não tem tempo para acompanhá-lo na escola, toda semana os pais são chamados na escola pois o deficiente “B” quase não entra em sala de aula, não faz as atividade, quase nunca participa das aulas.

Ao observar as falas de ambos os entrevistados se observou o quanto o ensino no centro é parecido com a área do ensino regular, devido à falta de apoio governamental que atinge estas duas partes. As professoras buscam incansavelmente por si mesmas se especializarem para assim darem uma aula melhor para seus alunos. Uma vantagem que foi possível verificar foi a de que as docentes trabalham diretamente com a língua materna dos alunos, não necessitando um intérprete, além de elas aplicarem suas aulas por meio de oficinas. Para as mães dos alunos é interessante perceber que elas, junto com a família procuraram ajuda para se informar melhor sobre a deficiência de seus filhos, tanto que aprenderam a língua brasileira de sinais, para comunicarem-se melhor com seus filhos.

Portanto é perceptível o quanto a família é importante no ensino e aprendizagem da criança seja ela deficiente ou não, o papel da família e da escola no processo educativo do aluno é fundamental, tem que haver a parceria dos profissionais capacitados junto da família nesse processo de educação inclusiva para maior desenvolvimento do aluno surdo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a inclusão e educação de alunos surdos ainda precisa ser mais visada e estudada. É inegável a importância do acompanhamento dos pais no âmbito escolar, além do apoio dos professores em sala de aula. É preciso que haja uma atenção especial a eles, porém a especialização e capacitação dos professores são de suma importância para que flua esse processo.

Durante a pesquisa de fundamentação teórica para elaboração deste artigo, percebeu-se que os mesmos problemas enfrentados por professores, pais e alunos permanecem até os dias atuais, como por exemplo: o desconhecimento dos pais, quanto à deficiência de seu filho, e o desinteresse do mesmo quanto ao envolvimento na educação de seu filho na escola; quanto aos professores, às dificuldades baseiam-se devido à falta de capacitação e recursos proporcionados pelo governo para um bom desempenho em sala de aula, e etc. enfim, são fatos que foram percebidos no campo em que foi elaborada esta pesquisa, e, além disso, afirma-se que os próprios alunos com deficiência auditiva demonstram em alguns casos pouco interesse na sua própria educação.

Os alunos que são acompanhados por seus pais têm um maior aproveitamento educacional, eles conseguem socializar melhor, adquirem interesse em incluir-se no meio social e com esse envolvimento também possibilita ao professor querer buscar melhor entendimento para com seu aluno. Já o aluno que não tem acompanhamento dos pais, observa-se que ele é um pouco mais lento, ele ao observar que sua própria família não importância para sua educação, ele acaba também não se interessando por seus estudos.

Hoje no Brasil, pode-se dizer que ninguém mais “vive” sua vida, mas que “sobrevive”, pois em uma família em que poucos membros trabalham é difícil conseguir uma alimentação adequada, as preocupações com contas e tantas outras dificuldades que elas enfrentam acabam as consumindo. Para uma família que tem um deficiente é ainda mais complicado, às vezes os pais não têm tempo, o que acabou levando-os a não darem a devida atenção para a educação de seu filho.

Assim, os problemas enfrentados por ambas as partes estão longe de acabar, falta mais orientação para os pais, mais recursos para a escola e professores e ainda mais interesse dos alunos, investimento governamental e mais atenção da sociedade, cada um precisa de um esforço ainda maior, para que as “vias” se desbloqueiem e fluam naturalmente.

Diante disso, propõe-se que a sociedade se envolva e abrace esta causa, não só para a melhoria da educação do aluno surdo, mas para quaisquer crianças que disponha de alguma deficiência possa receber uma educação de qualidade. Sabe-se que o problema na educação no geral no Brasil também é grande, o sistema educacional ainda é muito falho, e isso se arrasta durante anos e anos, e para que tudo isso seja consertado é necessário que todos deem uma atenção a mais. Todos são cidadãos, tem que haver uma cobrança, tem que sair o que está escrito no papel, porque se os próprios brasileiros não buscarem uma melhora no sistema educacional, quem o irá fazer?

REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo Moraes. **Psicologia do excepcional**. SÃO PAULO.

ASSIS, Maria Cristina de. **Apostila Metodologia do Trabalho Científico**. Disponível em <https://hugoribeiro.com.br/bibliotecadigital/Assis-Methodologia.pdf>

CARVALHO, M do Carmo Bronte. **A Família Contemporânea Em Debate**. São Paulo: Cortez, 2002.

Educação Especial: **A deficiência de uma forma de ver a vida**. Brasília 1994.

FALEIRO; FARIAS E SILVA: **Interação família-escola no desenvolvimento do aluno surdo**. 2017. Disponível em: www.upf.br/seer/index.php/rep

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, Rio de Janeiro: paz e terra, 1997.

GOFFREDO, V, Lúcia F.S.de. **A escola com espaço inclusivo**. In: **educação especial: tendências atuais, Secretaria de Educação Especial à distância**. Brasília, 1999.

JUPP, Kenn. **Viver plenamente convivendo com a dificuldade de aprendizagem**. Campinas: papiros, 1998.

LEITÃO, Tânia Moreira. **Intervenção junto à família de alunos com deficiência de aprendizagem, favorecendo seu crescimento sócio-familiar**. In: **Apostila pós graduação avaliação integrado no contexto sócio-familiar**. Fortaleza, 2002.

MAZZOTA, Marcos José S. **Educação Especial no Brasil – história e política pública**. São Paulo: Cortez, 2001.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér, **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?**/ Maria Teresa Eglér Mantoan. -2. Ed. – São Paulo: Moderna, 2006. – (cotidiano Escolar: Ação Docente)

OMONTE, S. **Deficiência e não-deficiência – corte de um mesmo tecido**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 1, N 2, p.65-72, 1998.

OLIVEIRA, Luzanira Alves, **Importância da Família no Processo de Educação Inclusiva**. Fortaleza – Ceará. 2005.

OLIVEIRA, Fabiana Barros. **Desafios na Inclusão dos Surdos e o Intérprete de Libras**. Diálogos & Saberes, Mandaguari, v. 8, n. 1, p. 93-108, 2012.

SHEMBERG, S.; GUARINELLO, A. C.; ASSI, G. **O ponto de vista de pais e professores a respeito das interações linguísticas de crianças surdas**.

Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.18, n. 1, p. 17-32, jan/mar.2012.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Educação de Surdos: a caminho do bilinguismo/** Nídia Regina Limeira de Sá. – Niterói: EdUFF, 1999.

SKLIAR, Carlos. **Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos.** Volume 1. Porto Alegre. 1999

WERNECK, Cláudia. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.

ANEXO

QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS

Perguntas feita aos professores

1. Os pais têm conhecimento sobre as leis que amparam a criança com deficiência auditiva no ambiente escolar?
2. Para vocês professores houve uma melhora significativa em relação a inclusão de alunos surdos no município de tabatinga?
3. O município disponibiliza cursos profissionalizantes para capacitar os professores na área da língua de sinais (Libras)?
4. O aluno com deficiência auditiva tem acompanhamento da família no ambiente escolar?

Perguntas feita aos pais

5. Quando você percebeu que seu filho tinha deficiência auditiva
6. Como foi para seu filho entrar na escola? Você teve apoio de professores e de seus familiares?
7. Você sempre acompanha seu filho na escola?
8. Você tem conhecimento das leis que amparam seu filho no ambiente escolar?